PEC exige novo planejamento e organização das empresas

Empregadores devem se preparar para revisar escalas, contratos e custos

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/ AGÊNCIA BRASIL

Pelo cronograma previsto na proposta, a primeira etapa deverá ocorrer 60 dias após a promulgação, quando a jornada máxima semanal passará a ser de 42 horas, com adoção da escala 5x2

Da **Redação**

A aprovação, pelo Senado Federal, da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que prevê o fim da escala 6x1 coloca as empresas diante de um novo desafio de planejamento trabalhista e operacional. A mudança estabelece um modelo com cinco dias de trabalho e dois de descanso remunerado por semana, além da redução gradual da jornada máxima semanal de 44 para 40 horas, sem redução salarial. O texto ainda depende de promulgação e publicação para que comece a contar o prazo de implementação.

Pelo cronograma previsto na proposta, a primeira etapa deverá ocorrer 60 dias após a promulgação, quando a jornada máxima semanal passará a ser de 42 horas, com adoção da escala 5x2. Depois de mais 12 meses, o limite será reduzido para 40 horas semanais. O período de transição exigirá que empregadores avaliem como adequar suas operações às novas regras, especialmente nos setores que dependem de funcionamento contínuo, como comércio, turismo, alimentação, saúde e serviços.

Para Tatiana Sant'Anna, advogada trabalhista do Durão, Almeida & Pontes Advogados Associados (DAP Advocacia), a preparação antecipada será importante para que as empresas consigam reorganizar suas atividades sem comprometer a continuidade dos serviços e sem ampliar a exposição a passivos trabalhistas.

"A mudança na escala de trabalho não envolve apenas a alteração dos dias de descanso. Para muitas empresas, será necessário rever a distribuição das jornadas, a composição das equipes, os horários de funcionamento e os mecanismos de cobertura de turnos. Quanto antes esse diagnóstico for realizado, maiores serão as condições de planejar a transição e reduzir o risco de decisões emergenciais que gerem custos adicionais ou problemas trabalhistas", avalia a especialista.

Um dos principais pontos de atenção será a revisão das escalas praticadas atualmente. Empresas que operam seis ou sete dias por semana precisarão avaliar como manter o atendimento e a produtividade diante da nova organização da jornada, considerando as particularidades de cada atividade e as regras aplicáveis à categoria profissional.

A adequação também poderá exigir a revisão de contratos, controles de ponto, políticas internas e instrumentos coletivos. A análise deverá considerar os limites de jornada, os períodos de descanso e as condições previstas em acordos e convenções coletivas, respeitando a legislação vigente e as disposições específicas de cada regime de trabalho.

"Não é recomendável tratar a mudança como uma simples troca de escala. Cada empresa precisa avaliar sua operação, identificar os horários de maior demanda e verificar se o quadro atual será suficiente para atender às necessidades do negócio. Dependendo da atividade, pode ser necessário redistribuir tarefas, rever turnos ou estudar a necessidade de novas contratações", explica Tatiana.

Outro desafio está nos possíveis reflexos financeiros da adaptação. A necessidade de ampliar equipes, redistribuir horários ou contratar profissionais para cobrir períodos antes atendidos pela mesma estrutura poderá pressionar os custos de determinados negócios.

O impacto, porém, não será necessariamente igual para todas as empresas. Ele dependerá de fatores como o setor de atuação, o número de funcionários, o modelo de funcionamento, as jornadas atualmente praticadas e a possibilidade de reorganização dos processos internos.

Na avaliação da advogada, o planejamento deve considerar diferentes cenários antes da entrada em vigor das novas regras.

Esperança de mais tempo para família e saúde

Da **Redação**

Adrielle Barbosa de Aquino tem 27 anos e é mão de duas crianças. Atualmente, ela trabalha como garçonete de segunda a sábado, em um restaurante no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Desde que saiu da adolescência e começou em seu primeiro emprego, há quase dez anos, Adrielle não sabe o que é ter dois dias de folga em uma semana.

"Nessa escala 6x1, eu só tenho o domingo de folga, né? É o dia que eu tenho para resolver minhas coisas. Um dia para resolver mil coisas e a gente fica perdida. Ainda mais quando a gente é mãe. É pesado!"

Ela acrescenta que, quando precisa resolver outras coisas que não são possíveis em um domingo, como uma simples consulta médica dos filhos, acaba tendo de faltar ao trabalho: "a gente acaba perdendo um dia de trabalho e tem o salário descontado".

Adrielle é um dos milhões de brasileiros com a exaustiva jornada de seis dias de trabalho por semana.

Ela, como muitos, vê na aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 221/2019, nesta quarta-feira (14) pelo Senado Federal, uma possibilidade de ganhar mais tempo livre: seja para descansar, curtir a família, se divertir, estudar, resolver problemas, ter um acompanhamento melhor de sua saúde ou mesmo para ganhar um dinheiro extra.

Uma pesquisa realizada em fevereiro deste ano pela Nexus mostra que 73% dos brasileiros apoiam o fim da escala 6x1.

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

PEC foi aprovada na noite de quarta-feira pelo plenário do Senado

Yasmin Nascimento trabalha como auxiliar administrativo em uma clínica, também na escala 6x1. Na correria de uma manhã de quinta-feira, ela conversou com a Agência Brasil, enquanto um mototáxi já aguardava para levá-la a mais um dia de trabalho.

Enquanto se preparava para subir na garupa da motocicleta, Yasmin disse esperar que as pessoas possam aproveitar melhor o tempo livre com outras atividades.

"É mais um dia de folga com a sua família, mais um dia que a gente pode usar para trabalhar, estudar. Enfim, a folga é da pessoa, ela sabe o que ela vai fazer na folga dela, mas fiquei muito feliz porque essa PEC foi aprovada."

Cristiane Wandermuren, de 56 anos, também trabalha desde a adolescência com apenas uma folga por semana. Antes como auxiliar de serviços gerais e atualmente como ajudante de cozinha.

"Se eu tivesse mais um dia, eu iria cuidar da minha saúde, curtir mais os meus netos. Hoje tenho pouco tempo para minha família", lamenta.